TARKA
V.1 / N. 1

Editorial

Filosofia Intercultural: reconfigurações conceituais e metodológicas a partir de filosofias asiáticas

Intercultural Philosophy: conceptual and methodological reconfigurations from Asian philosophies

Flávio Tonnetti

Concebida para receber, acomodar e articular toda uma produção acadêmica em torno da Filosofia Intercultural, chegamos à primeira edição da **TARKA — Revista de Filosofia Intercultural** com o compromisso de oferecer um espaço para a consolidação de um campo. Nela encontraremos um compilado de pesquisas, ensaios e investigações que, embora distintos em objeto e abordagem, convergem no propósito de transcender fronteiras disciplinares, linguísticas e culturais, fomentando diálogos filosóficos críticos e abrangentes. A primeira edição de nossa revista congrega um conjunto de reflexões que, em sua diversidade metodológica e temática, enfrenta uma questão fundamental: como pensar filosoficamente para além dos limites impostos pela hegemonia do cânone ocidental? Os nove estudos, aqui reunidos, não apenas oferecem respostas plurais a esta interrogação, como também demonstram, a partir de suas próprias abordagens, a fecundidade de um pensamento filosófico que se assume como inerentemente intercultural.

No contexto de um cenário global multipolar fortemente interconectado, a reavaliação dos fundamentos daquilo que se compreende por filosofia parece ser, ainda mais,

uma tarefa fundamental para qualquer pessoa que pesquise, ensine e divulgue filosofia — sobretudo para quem deseje escapar das armadilhas impostas por um tipo de formação acadêmica de cariz colonial ou da defesa antiquada de perspectivas filosóficas exclusivamente eurocentradas que, infelizmente, configuram os ambientes universitários nos quais a filosofia tem sido promovida como campo tradicional e de prestígio.

Uma vez que todas as culturas produzem sujeitos que pensam e que, ao pensar, produzem pensamentos sobre o próprio pensar, nos parece óbvio que a organização e a sistematização dessas atividades intelectuais, organizada no interior de cada cultura, deva ser denominada pelo uso do termo filosofia.

A compreensão do saber filosófico como campo inter, multi e transcultural contribui para que possamos ampliar e aprofundar reflexões em torno dos sentidos do humano e de suas relações com o mundo. Quando adotada, tal perspectiva, sempre mais próspera, nos oferece muito mais recursos para o enfrentamento dos desafios epistêmicos e ético-políticos de nossos tempos.

Em termos editoriais, montamos nossa paisagem de modo a oferecer uma variedade de textos acadêmicos que, uma vez agrupados, atestem essa posição, funcionando, articuladamente, como uma constelação de argumentos que iluminem e revelem o caminho percorrido por quem tem se dedicado à filosofia intercultural.

No sentido de chegar a uma edição de estreia contundente, reunimos um conjunto de artigos e ensaios de autoras e autores cuja atuação em diferentes países manteve-se

conectada a tradições filosóficas asiáticas, aproveitando o contexto da produção intelectual alavancada pela realização do Congresso Internacional de Filosofia Intercultural da ALAFI e pela Jornada de Filosofia Oriental da USP, que congregaram grande produção no campo das filosofias asiáticas em comunicações posteriormente submetidas à revista.

Além disso, com pesquisadores envolvidos na discussão intercultural a partir do ensino e da difusão científica, veremos como a filosofia pode ser reexaminada por um conjunto de reconfigurações conceituais e metodológicas que nos permitam compreender também a transmissão da filosofia através de perspectivas pedagógicas mais abrangentes.

Tomamos em máxima conta a ressalva exposta por Ram Adhar Mall (2025), no texto traduzido por João Alves de Souza Neto que abre a presente edição: não se trata de definir a Filosofia Intercultural como uma nova disciplina, como um procedimento de ecletismo ou como mera reação a uma posição dominante, mas, sim, de afirmar a convicção filosófica de que nenhuma filosofia pode ser a filosofia definitiva de toda a humanidade. Como nos lembra o autor, a própria constituição da filosofia se dá, intrinsecamente, de modo intercultural — tornando a expressão "filosofia intercultural" uma tautologia — o que implica a necessidade, e a honestidade intelectual, de transcendermos o eurocentrismo através da promoção das filosofias não-ocidentais já há muito emancipadas.

É preciso ter em conta, ainda, que a abordagem intercultural exige metodologias que rejeitem hierarquias e privilégios, recusando ideias que advoguem em nome de uma pureza cultural — qualquer que seja ela, distanciando-se

tanto da ideia de *identidade pura* quanto da de *diferença pura*. Identidade e diferença são inseparáveis e interdependentes, existindo apenas através de procedimentos de comparação, em um processo que, inevitavelmente só poderá ser compreendido em termos de *relações dialéticas*.

A necessidade de esclarecer os fundamentos teóricos da filosofia intercultural explica a opção de termos o ensaio de Mall na abertura dessa coletânea. Nele, acompanhamos uma crítica sistemática à hegemonia da filosofia ocidental, atribuindo tal "anomalia" a fatores extrafilosóficos como o colonialismo e o imperialismo cultural. A proposta metodológica de uma "não-contextualidade contextualizada" (*Orthafte Ortlösigkeit*) oferece um caminho para superar o eurocentrismo através de uma hermenêutica não-redutiva que busca por "centros que se intersectem", preservando características individuais das filosofias ao mesmo tempo em que promove o diálogo intercultural.

Esta perspectiva encontra eco e desenvolvimento nas reflexões de Otávio Maciel (2025), que vai propor uma leitura da filosofia intercultural a partir do *realismo complexo*. Maciel oferece uma crítica contundente ao "ocidentalismo" — lançando mão do arcabouço conceitual latouriano para criticar a naturalização das maneiras ocidentais de se pensar o mundo. Sua abordagem metodológica, baseada em uma ontologia plana da comunicação, busca rastrear modos de veridicção específicos a cada cultura, evitando o absolutismo cultural e a homogeneização do fenômeno filosófico.

Lucas Nascimento Machado (2025) complementa este quadro teórico ao propor um método dialético que busca superar as limitações já criticadas por Mall presentes nas

abordagens que concebem o "outro" por meio de uma *identidade pura* ou de uma *diferença pura*. Inspirando-se tanto na dialética hegeliana quanto na filosofia de Nāgārjuna e Nishida Kitarō, Machado desenvolve o conceito de "comunalidades não-essenciais" como pontos de intersecção que permitem um diálogo filosófico não-redutivo. Sua síntese criativa entre a *Orthafte Ortlösigkeit* de Mall e o conceito de "lugar" (*basho*) de Nishida oferece uma contribuição original para os métodos da filosofia intercultural.

Os três estudos iniciais estabelecem, assim, um sólido fundamento metodológico que se caracteriza pela recusa tanto do essencialismo universalista quanto do relativismo particularista. Esta "terceira via" encontra sua expressão prática nas reflexões de Michiko Yusa (2025) sobre metodologia da filosofia intercultural. Yusa, formada nas tradições pedagógicas de Raimon Panikkar e Ninian Smart, oferece uma perspectiva experiencial que complementa as elaborações teóricas anteriores. Sua ênfase na onto-epistemologia — "você se torna o que conhece" — e na necessidade do estudo de tradições plurais ressalta a dimensão existencial e formativa do trabalho intercultural.

A segunda metade da coletânea demonstra a fecundidade destes fundamentos teóricos através de estudos que abordam questões específicas da filosofia japonesa moderna e contemporânea. Amanda Sayonara Fernandes Prazeres (2025) examina a questão da autenticidade no pensamento de Nishitani Keiji, caracterizando sua perspectiva como transontológica. A análise de Prazeres revela como Nishitani, inspirado pela tradição budista, busca transcender os limites da metafísica ocidental através do conceito de vacuidade

(*śūnyatā*), oferecendo uma compreensão não-substancial do "verdadeiro eu" baseada na interdependência radical.

Esta perspectiva transontológica ganha contornos político-sociais nos estudos subsequentes. Artur Cardoso (2025) apresenta Jun Tosaka como uma figura crucial na resistência filosófica ao fascismo japonês, demonstrando como o filósofo utilizou o materialismo marxiano para montar uma crítica sistemática tanto ao japonismo quanto ao liberalismo que lhe abria caminho. O trabalho de Cardoso exemplifica como a filosofia intercultural pode se engajar criticamente com questões políticas urgentes, recusando tanto o relativismo quanto o silêncio diante da opressão.

Joaquim Monteiro (2025) prossegue esta linha de investigação ao examinar o pensamento de Ichikawa Hakugen sobre a ética social no budismo contemporâneo. Monteiro apresenta Hakugen como pioneiro na abordagem da responsabilidade do budismo japonês na agressão militar, analisando suas tentativas de desenvolver uma ética social budista através do diálogo crítico com o marxismo e os direitos humanos. Embora identifique limitações no pensamento de Hakugen, Monteiro reconhece nele a reflexão mais produtiva do Budismo japonês do pós-guerra.

Os dois estudos finais expandem o horizonte da filosofia intercultural para domínios aparentemente distantes do trabalho acadêmico tradicional. Takeshi Morisato (2025) propõe uma filosofia budista da literatura que, exemplificada através de Miyazawa Kenji e Huey P. Newton, demonstra como a literatura pode servir como meio hábil (*upaya*) para a transformação existencial. Sua análise revela conexões surpreendentes entre a poesia de Kenji e a

filosofia revolucionária de Newton, ambos unidos pela busca de superação da consciência discriminativa através da autopercepção e do "conhecimento relacional".

Flávio Tonnetti (2025) encerra a coletânea propondo o uso da arte contemporânea como ferramenta para mobilizar o pensamento filosófico em perspectiva intercultural. Sua análise da obra de Fang Lijun, expoente do realismo cínico chinês, articula conceitos das matrizes taoísta, confucionista e budista, demonstrando como a materialidade estética pode servir como ponte entre diferentes universos de pensamento. O trabalho exemplifica como a filosofia intercultural pode expandir seus métodos para além do texto escrito, incorporando a experiência estética como matéria do pensamento.

Estes nove estudos, em sua diversidade temática e metodológica, convergem para algumas conclusões fundamentais. Primeiro, que a filosofia intercultural não é simplesmente uma subdisciplina da filosofia, mas uma transformação da própria compreensão do que significa filosofar. Segundo, que esta transformação exige não apenas mudanças curriculares ou de conteúdo, mas uma mudança metodológica que questione os próprios pressupostos da racionalidade filosófica ocidental. Terceiro, que tal empreendimento não pode se realizar através de mera justaposição de tradições, mas exige o desenvolvimento de métodos genuinamente dialógicos que permitam a emergência de "comunalidades não-essenciais".

Finalmente, os estudos aqui reunidos demonstram que a filosofia intercultural não é um luxo acadêmico ou uma concessão ao multiculturalismo, mas uma necessidade

urgente para enfrentar os desafios do pensamento que nos são impostos no tempo contemporâneo. Seja na resistência ao fascismo com Tosaka, na busca por uma ética social budista com Hakugen, ou na crítica ao individualismo liberal através da arte de Fang Lijun, a filosofia intercultural revela-se como uma ferramenta indispensável para pensar criticamente nossa época.

Esperamos que esta coletânea contribua para o avanço desta área de estudos em nosso contexto acadêmico, oferecendo tanto fundamentos teóricos sólidos quanto exemplos concretos de sua aplicação. Mais que isso, esperamos que inspire a comunidade filosófica a assumir, em suas próprias pesquisas e práticas didático-pedagógicas, a *atitude intercultural* como estratégia de resistência à monocultura intelectual e como abertura à pluralidade de saberes que caracteriza nossa condição humana comum, pavimentando novos caminhos para uma filosofia verdadeiramente interconectada.

Flávio Tonnetti

Editor-chefe da TARKA e membro da ALAFI
Associação Latino-americana de Filosofia Intercultural.
Professor da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

https://orcid.org/0000-0002-9279-1852

Referências

CARDOSO, Artur. Jun Tosaka e o esforço filosófico contra o fascismo. TARKA, v. 1, n. 1, p. 1-32, 2024.

MACIEL, Otávio Souza e Rocha Dias. O que significa “filosofia intercultural” de um ponto de vista do realismo complexo? TARKA, v. 1, n. 1, p. 1-36, 2024.

MACHADO, Lucas Nascimento. Movendo-se por comunalidades não-essenciais: a dialética como um método para a filosofia intercultural. TARKA, v. 1, n. 1, p. 1-41, 2024.

MALL, Ram Adhar. Filosofia Intercultural: uma clarificação conceitual junto com sua aplicação no Ensino e Pesquisa além dos limites da Tradição Filosófica Ocidental. TARKA, v. 1, n. 1, p. 1-32, 2024.

MONTEIRO, Joaquim. O pensamento de Ichikawa Hakugen sobre a questão da ética social no Budismo contemporâneo. TARKA, v. 1, n. 1, p. 1-33, 2024.

MORISATO, Takeshi. Uma Filosofia Budista da Literatura: Esboçando o Budismo Yogacara com Miyazawa Kenji e Huey P. Newton. TARKA, v. 1, n. 1, p. 1-32, 2024.

PRAZERES, Amanda Sayonara Fernandes. Autenticidade: Nishitani Keiji e o eu transontológico. TARKA, v. 1, n. 1, p. 1-22, 2024.

TONNETTI, Flávio. Aspectos de Filosofia Chinesa na Arte Contemporânea: apontamentos a partir da obra de Fang Lijun. TARKA, v. 1, n. 1, p. 1-21, 2024.

YUSA, Michiko. Reflexões sobre a Metodologia da Filosofia Intercultural: Inspirando-se nos Professores Raimon Panikkar e Ninian Smart, e no Meu Estudo de Nishida Kitarō. TARKA, v. 1, n. 1, p. 1-28, 2024.